

# Discurso do Dia da Cultura, 2006.

José Almino de Alencar

MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES, ilustres convidados e amigos da Fundação Casa de Rui Barbosa, colegas de trabalho – sejam todos muito bem-vindos!

Estamos aqui mais uma vez reunidos para a celebração do Dia da Cultura, data também de aniversário de nosso patrono, e ocasião para a apresentação do balanço de nossa gestão. É esta a nossa quarta prestação de contas, a última deste primeiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e sob a administração do ministro Gilberto Gil. Vale, portanto, uma lembrança rápida, porém mais recuada no tempo, em que se procure delinear as dificuldades encontradas e os progressos empreendidos.

Começo por falar das minhas impressões mais simples e pragmáticas quando assumi a presidência desta Fundação, em janeiro de 2003. Tinha eu na ocasião um objetivo mínimo, quase singelo, que defini por meio de uma máxima um tanto graciosa, mas não de todo irrealista: *Não tornarás pior o que encontraste feito!* Entendia também, a contrapelo do que era esperado por muitos colegas de governo, que teríamos um horizonte orçamentário sem grandes modificações. Sabia, portanto, que precisaria trabalhar com o potencial do quadro funcional da instituição e de seu prestígio que julgava subutilizados. Ao lado desses propósitos, vinha também determinado a dar continuidade até concluir as ações relevantes

iniciadas pela direção anterior. Como se vê, eram apreciações e objetivos modestos, embora tenham se revelado de grande valia.

Por ocasião de uma visita recente do ministro da Cultura para inaugurar as novas áreas de guarda do nosso acervo, eu dizia que esta instituição, no horizonte da história brasileira, é uma instituição tradicional, embora não tenha ainda completado oitenta anos, ou seja, um pouco mais do que viveu o seu patrono ou o equivalente à esperança de vida biológica de um homem ou de uma mulher criados em alguma família educada e das classes abastadas brasileiras. E, no entanto, entre os inúmeros percalços da nossa vida política, percorreu um longo caminho. Instituição governamental, nasceu ao apagar das luzes da República Velha, em 1930, no governo de Washington Luís, viveu a Revolução de 30, alcançou o primeiro governo de Getúlio, o Estado Novo, atravessou o período constitucional democrático entre 1946 e 1964 e a ditadura, e vem percorrendo agora o tempo já razoavelmente longo desta nossa redemocratização. Acumulou e dispersou virtudes e defeitos, vantagens e desvantagens aportadas pelos homens e pelas instituições que lhes foram contemporâneas em todas essas épocas. Criou uma aura própria, um capital apreciável quando tratamos de enfrentar o desafio (e uma primeira crise interna) logo estabelecido em 2003, o de coordenar o nosso trabalho com as diretrizes propostas pelo governo do presidente Lula e pela administração do ministro Gilberto Gil.

Foi um processo laborioso que visava a uma melhor adequação, integração e redefinição dos objetivos institucionais do trabalho em comum do conjunto de organizações que compõem o nosso Ministério. Dessa maneira, fixamos a definição da nossa missão que aqui repetimos mais uma vez e nos tem orientado, que é: *o de promover a preservação e a pesquisa da memória e da produção literária e humanística e congregar iniciativas de reflexão e debate acerca da cultura brasileira, contribuindo para o conhecimento da sua diversidade e para o fortalecimento da cidadania.*

A partir daí nos foi possível estabelecer linhas de atuação, no que fomos auxiliados pela elaboração e pela formalização de um Estatuto, lacuna no ordenamento institucional que perdurava desde o início dos anos 90. Com a reforma estatutária, houve a instalação das

áreas de procuradoria e de auditoria interna e a conseqüente introdução de procedimentos construída por meio da socialização do processo de gestão e da capacitação de pessoal. Foi um período de trabalho intenso, produtivo e saudável, que envolveu servidores e dirigentes desta Fundação, bem como servidores e dirigentes das outras entidades vinculadas e do Ministério da Cultura como um todo.

O estabelecimento de linhas de ação coordenadas e de longo prazo propiciou uma maior integração entre os Centros da Fundação, uma acumulação mais eficiente de resultados – nas áreas da pesquisa, da memória e da informação; assim como uma maior visibilidade e transparência da instituição, interna e externamente. Hoje, mais pesquisadores, estudiosos e instituições nos vêem e nos procuram. Firmamo-nos como um órgão assessor do Ministério da Cultura e, portanto, como canal de comunicação com o universo técnico-científico das áreas de humanidades, e de memória e informação. Com essa capacidade também foi possível incorporar como uma de nossas ações a implantação de programas de bolsas: o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq e o Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura, viabilizado através de convênio firmado com a Faperj, que ensejaram não só o fomento de conhecimento na instituição, como a sua inserção no universo de centros de referência.

Muitos são também os desafios para se alcançar a eficiência de gestão: há que conciliar cumprimento de metas orçamentárias, prazos e demandas da área finalística com as exigências e recomendações da área de controle da administração pública. Em 2006, foi elaborado o primeiro Plano de Capacitação de Servidores da FCRB, que contemplou, entre outros, a realização de cursos de gestão de contratos e convênios; e o de informática básica e específica a ser oferecido ainda este ano. Esperamos assim estar cada vez mais qualificados para acompanhar as significativas transformações pelas quais atravessa a área administrativa.

Nesse sentido, e de maneira geral, procuramos inverter um paradigma perverso e que não é incomum no setor público onde se perde muito tempo à espera de recursos necessários, desejados ou imaginários. A espera induz a inércia, a frustração e o desânimo, o refúgio em

aposentadorias precoces ou ainda mais espera por recursos, em um círculo vicioso do desencanto, da alienação e do choramingo.

Somos uma instituição pública, o que implica uma ética de trabalho coletivo e do serviço à coletividade. Reforçar a instituição conduz a realização desses propósitos e nos garante condições para a nossa própria realização pessoal. Rebelamo-nos contra o círculo do desencanto, porque apostamos na matéria humana de que éramos compostos: passamos a trabalhar mais, porque sabíamos que mais trabalho proporcionaria a racionalização e a economia de meios – como, por exemplo, a concentração de recursos para investimento em obras ou programas fundadores e de longo efeito – e que atrairiam ainda mais recursos.

Foi com essa disposição de espírito, e por entender que precisávamos considerar o conjunto edificado da Fundação um espaço de preservação, que empreendemos também o levantamento e diagnóstico de questões de infra-estrutura nas nossas instalações – no museu-casa, no jardim e no edifício-sede, incluindo uma Avaliação Pós-Ocupação do ambiente construído. Parte desse diagnóstico se transformou em várias ações, sendo que algumas, já concluídas, adquiriram grande vulto e grande repercussão, entre as quais se destacam:

- a reforma da área de guarda do acervo, delineada em 2003 a partir dos estudos de remanejamento no subsolo do edifício anexo, teve início em 2004 e término das obras em 2005. A intervenção, em uma área de 600m<sup>2</sup>, concentrou todo o acervo em um espaço, isolando-o das demais funções do pavimento; individualizou uma área de trabalho para que as condições ambientais favoráveis à preservação pudessem ser mantidas sem prejuízo das condições de conforto humano. Em 2006, foi concluída a reorganização do acervo e reabertos o atendimento e a consulta.

- a instalação do sistema de controle climático na Biblioteca Rui Barbosa, recém concluído, em cooperação técnica com o Getty Institute e com apoio da Fundação Vitae, é uma aplicação inovadora de um projeto que pretende o estabelecimento de gerenciamento ambiental em museus-casas históricas em áreas tropicais, envolvendo soluções sustentáveis para o controle climático, com intervenções mínimas no edifício.

- em cumprimento ao Plano Estratégico de Informática desta gestão, cabe ressaltar a modernização e ampliação do parque de computadores, e a ampliação de taxa de transmissão da banda larga para 2 mega bits, facilitando o trabalho de todos os usuários da Fundação.

E arrematando o tema dos trabalhos mais importantes de infra-estrutura, estão em andamento os processos de licitação para os serviços de drenagem do jardim, que pretende solucionar os problemas das canalizações de esgoto e águas pluviais; e para a substituição dos elevadores.

Tínhamos, desde o início, a intenção, para o cumprimento de nossa missão e de nossos propósitos, de aumentar o número de colaboradores técnicos e científicos e para isso solicitamos, naquela ocasião, novas vagas para concurso e isso não conseguimos. Em janeiro de 2003, éramos no quadro efetivo 124 servidores; hoje, somos 116. Mas conseguimos expandir a nossa população, em muito: com o aumento no número de estagiários, com o aumento no número de prestadores de serviços para as áreas meio e fim; com a implantação do programa de bolsas de Iniciação Científica; com o Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura.

Nossas realizações também contaram com a participação, o apoio e o patrocínio de várias instituições, e com a valiosa colaboração de vários parceiros. Aqui cabe destacar a Associação de Amigos da Casa de Rui Barbosa, pela qual vários convênios foram firmados em prol de projetos da instituição, como por exemplo, o da Biblioteca Rui Barbosa, que acaba de ser aprovado pela Caixa Econômica Federal, para a inserção na base de dados dos registros referentes aos recortes de jornais, da coleção de periódicos, o acondicionamento adequado dos jornais, a recuperação de cerca de 400 livros e a publicação do catálogo do acervo dessa biblioteca.

Esse esforço expressivo de mobilização, de organização e de planejamento tem multiplicado nossas atividades com resultados cumulativos e continuados. Na área da produção do conhecimento, encontram-se em andamento mais de 30 projetos de pesquisa em diferentes etapas, seja de pesquisadores do quadro funcional da Fundação, seja de

pesquisadores visitantes com bolsas individuais de agências de fomento, seja ainda com bolsas do Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura da FCRB. Os projetos se inserem nas linhas de pesquisa contempladas no Centro de Pesquisa e no Centro de Memória e Informação, sobretudo estudos sobre Rui Barbosa, direito e sociedade, estudos constitucionais, literatura brasileira e memória, história e historiografia da língua e da literatura, história política, social e cultural do Brasil, políticas públicas de cultura no Brasil; tratamento técnico de arquivos pessoais no campo da literatura e da história, e do acervo bibliográfico; gestão eletrônica de arquivos digitais; atividades educativas e institucionais museológicas, e conservação preventiva do conjunto formado pela casa, a biblioteca e os objetos que pertenceram a Rui Barbosa.

Somente em 2006, organizamos sete importantes seminários, entre eles três seminários internacionais: Seminário sobre Poéticas do Inventário; Seminário Luso-Brasileiro de Museus-Casas; Seminário sobre Imprensa, Humor e Caricatura.

Dentre os cursos oferecidos em 2006, destacamos: Questões sobre o escravismo brasileiro e o debate contemporâneo; e O teatro europeu no século XX. Nesses últimos anos seríamos uma parte da nossa programação externa, possibilitando a criação de grupos de estudo e de discussões estáveis e prolongados e tornando mais facilmente identificável as nossas atividades. Essa atividade teve início em 2003 com as séries Memória e Informação; Políticas Culturais: Diálogo Indispensável; Grupo de Reflexão: História e Culturas Urbanas, que, em função da boa repercussão, continuam em desenvolvimento e estimularam o lançamento de outros encontros com o mesmo formato: Rio, capital imperial; Arquivos pessoais; Performances do feminino.

Além da já consagrada Brasileira (série de música de concerto em parceria com a Academia Brasileira de Música), em 2005, passaram a integrar a nossa programação regular: Domingo na Casa de Rui Barbosa (atividade mensal de lazer educativo para o público infante-juvenil, já em seu segundo ano) e Cineclube na Casa de Rui Barbosa (parceria com a Associação Brasileira de Documentaristas e Curtas-Metragistas do Rio de Janeiro, que promove

exibições semanais de documentários e curtas-metragens, seguidas de debates com os realizadores).

Uma apresentação completa de realizações de trabalhos tradicionais ou rotineiros da Fundação Casa de Rui Barbosa, que nos últimos anos tem ampliado o seu escopo ou vem conhecendo uma execução aprimorada, correria o risco de ser enfadonha, mesmo em dia de autocongratulações e de comemoração. Vale apenas lembrar o trabalho do Arquivo-Museu de Literatura, que graças às novas instalações poderá atrair e acolher mais material precioso, como neste ano de 2006, quando recebemos cópia do testamento e o caderno de anotações de Manuel Bandeira; parte do arquivo de Murilo Mendes, e o arquivo de Dunshee de Abranches. O nosso trabalho seguido de editoração que já dura sessenta anos e que em breve será enriquecido com o primeiro número da Revista Escritos, do Centro de Pesquisa. E o banco de imagens, que está em fase de implantação nos computadores da Sala de Consulta e que permitirá o acesso por nome, tema e data do acervo fotográfico.

Cabe mencionar também o lançamento, ainda nesta semana, do novo portal da instituição, um trabalho anunciado no início desta gestão, que envolveu praticamente todos os setores da Fundação e contou com a colaboração de profissionais especializados em *webdesign*. O portal será um importante veículo de promoção institucional, que ampliará a repercussão dos projetos, das pesquisas, dos acervos e serviços, e dos eventos da Casa. A partir de agora, estão disponíveis para consulta *on line* as bases de dados sobre os acervos, e a edição de boletim eletrônico com notícias e agenda das atividades.

Neste momento seria trivial, mas não incorreto ou desnecessário, dizer que muita coisa poderia ser melhorada ou que há ainda muito a fazer. Por exemplo, vimos sofrendo uma carência crônica de pessoal, sobretudo, nas áreas técnicas de biblioteca e de arquivo, que uma política avara de recrutamento e de concursos mantida pelas áreas de planejamento dos governos recentes não deixa dirimir. Além disso, muito do que fazemos acontece em escala de ressonância limitada – mesmo quando se tem em conta o caráter especializado de uma boa parte do nosso trabalho. Há que fazer esforços para aumentar nossa

expressividade e ainda nos faltam meios para avaliar de maneira adequada o nosso desempenho.

No entanto, quando eu olho o que fizemos nesses últimos quatro anos posso afirmar, sem hesitação, que cumprimos aquela meta mínima: não pioramos! Pelo contrário: melhoramos um bocado. Digo-o sem bazófia, mas também sem falsa modéstia e renovo assim, para o meu sucessor, o mesmo conselho que eu próprio me dei no início da minha administração: *Não tornarás pior o que encontraste feito!*

Fundação **Casa de Rui Barbosa**

[www.casaruibarbosa.gov.br](http://www.casaruibarbosa.gov.br)